



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA

# A CÔDEA de PÃO

POR ANÃO SABICHÃO

— «**A** NÃOZINHO, hoje que soube tão bem a minha lição, mereço que me contes uma linda história. . . » — pedinchou o Joanico, enquanto trincava, com todo o apetite, uma fatia de pão.

— «Pois não serei eu que te vou contar a linda história que pedes, meu amiguinho, mas farei com que ela te seja contada pela côdea de pão que estás comendo.»

O pequeno olhou para mim muito admirado e, para experimentar se a minha profecia era verdadeira, aproximou o ouvido da côdea.

Qual não foi o seu pásmo, quando ouviu uma voz fraquinha, dizer-lhe docemente:

— «Presta-me atenção e não me leves à bôca enquanto eu falar, senão tenho de ficar muda! . . . »

Então, o Joanico preparou-se para escutar a história que ela principiou assim:

— «Lembro-me que fui um grãozinho, com muitos outros iguais, no chão dum grande celeiro, onde, de vez em quando, nos iam remexer com umas pás que nos atiravam ao ar.

Um dia apareceu um homem que nos meteu num saco e ali dentro nos levou, às costas, para longe.

Tirou-nos, depois, aos punhados, da nossa prisão e deitou-nos num vasto campo.

Nunca me hei-de esquecer do fresco perfume da terra e da sensação agradável dos raios do sol, que caíam sobre mim!

No primeiro dia que lá passei, uma nuvem de pardais devorou uma data dos meus companheiros, mas eu, felizmente, escapei.

No outro dia, veio um aguaceiro e as gotas de chuva enterraram-me na terra e ali fiquei ao abrigo dos pardais.

Passei algum tempo lá no fundo, onde comecei a crescer e a formar raízes nos pés, enquanto a cabeça, saindo da terra, era um lindo espiguinho verde que, cada vez mais forte, se tornou, daí a tempos, nuns braços semelhantes a fôlhas.

Por fim transformei-me numa bela espiga, cheia de grãos iguais ao que eu tinha sido também.

Veio o tempo quente, o sol tingiu-me de côr de ouro e o vento, que soprava levemente sobre





mim e os meus companheiros, agitava-nos a todos, numa carícia.

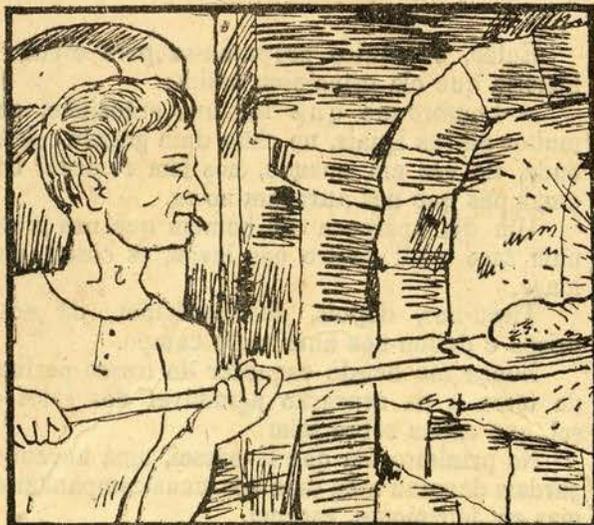
Aquela rica vida durou pouco!...

Uma manhãzinha, homens armados de foices entraram no campo, e abateram-nos!

Ataram-nos, depois, em molhos, apertados uns contra os outros.

Estivemos ali dias e noites e levaram-nos, por fim, para uma granja onde ficámos descansados um tempo.

Mas a nossa sorte era nunca termos descanso!...



Alguns dias depois, novos perseguidores vieram lançar-nos à terra, e começaram a bater-nos com dois compridos paus, chamados malhos e mangoais.

—«Eu não queria estar no teu lugar!» — exclamou o Joanico, todo indignado.

—«Mas era preciso!» — respondeu a côdea. E, como tínhamos a pele dura, não nos fez grande mal! As pancadas eram para nos tirarem a espiga onde tínhamos crescido, mas sei que já há umas máquinas próprias que nos fazem sair dali sem tanta bruteza! E há, ainda, sítios onde nos fazem pisar pelos pés dos cavalos.»

—«O que tu sabes, amiga côdea!» — nunca julguei que fosses tão interessante! — interrompeu o Joanico, pasmado de tanta sabedoria.

A côdeazinha até estalou de orgulho, ao ouvir esta reflexão; depois continuou:

—«Bateram-nos muito e em seguida atiraram para o lado as nossas hastes que para nada mais



serviam e meteram-nos num cêsto, onde nos agitaram, para que o movimento e o ar nos desembaraçassem das nossas cascas, que eram as capi-nhas que nos cobriam.»

—«E assim, — (tornou o Joanico) — ficaste transformada, outra vez, em grão de trigo.»

—«Num só, não!» — replicou a côdea. — Em quarenta ou cinquenta! Porque se eu era um grão quando me semearam, cresci e deitei uma espiga, cheia de grãos! Pouco tempo depois, fui com a minha família para um moíno e ali nos moeram, até que ficámos reduzidos a farinha. O padeiro mergulhou-nos em água quente, amassou-nos, juntou-nos fermento e meteu-nos no fôrno, onde nos transformámos num apetitoso pão loirinho que foi vendido aos freguêses. Assim vim parar aqui, feita no pão que estás comendo.»

Ao dizer estas palavras a voz da côdea enfraqueceu.

O Joanico ainda esperou um momento, a ver se ela dizia mais alguma coisa, mas, vendo-a muda, decidiu-se a comê-la, e, voltado para mim, exclamou entusiasmado:

—«Obrigado, Anãozinho! Ainda bem que deste fala à côdea, para ela me contar a sua tão linda história.»

## O NOSSO CONCURSO: Uma vila completa

Satisfazendo instantes e numerosos pedidos de mais alguns dias de espera para entrega de provas fotográficas e em virtude da extraordinária afluência de concorrentes, avisamos os nossos amiguinhos que o novo prazo termina, irrevogavelmente, no próximo sábado e de que, portanto, só no próximo número podemos publicar a lista dos premiados.

Entretanto, acusamos a recepção de provas de mais os seguintes concorrentes:

José Nunes de Carvalho Junior, Adelaide de Almeida, Lizete Carolina Molasco Barros, Maria do Céu Pereira Correia da Silva, Natalina dos Santos Almeida, Mirandolina Castro Cândido, Helder Fabião Pimentel, Maria A. Fialho Barroso, Maria Candida Fialho Andorinho, Severo

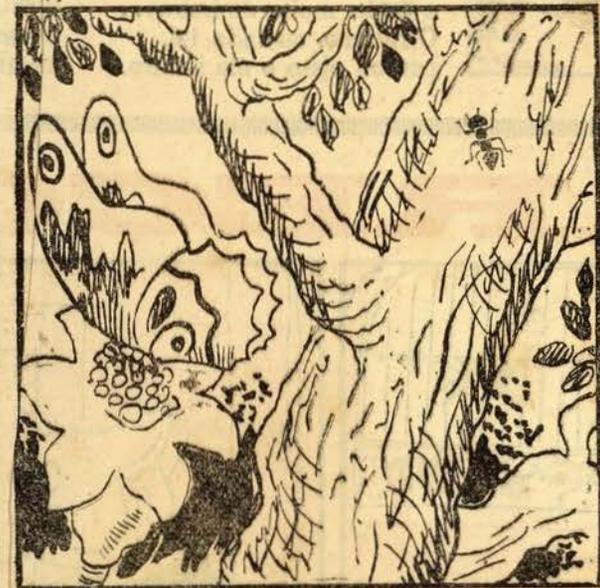


# A BORBOLETA E A FORMIGA

POR GRACIETTE BRANCO

**C**ERTA borboleta vaidosa, voava de flor em flor, colhendo a sua doçura infinita e rebrilhando-lhe as àsas prateadas, ao contacto dum sol luminoso e ardente.

Entretanto, uma formiguinha modesta, e humilde na aparência e nos sentimentos, seguia, tranquila, pelo canteiro das rosas, suavemente enebriada pelo seu bel perfume e encantada pela hora radiante do amanhecer.



Ao vê-la passar, pequenina e morena, insignificante ser obscuro e anónimo, a borboleta sentiu-se imergir em maré-cheia de vaidade, e batendo as asas, fortemente, em requintadas curvas, exclamou:

—« Infeliz formiga, que passas, tristonha e abando-

nada, sem o contacto das belezas do mundo, insensível, na tua pequenez, aos mil encantos da vida!

Ser insignificante! Olha as minhas àsas como brilham ao sol, olha como é alegre a minha vida, beijando flores, volitando sôbre canteiros, branca e gentil, airosa, leve feliz...

Os teus pensamentos devem ser negros como a tua côr; nada, no mundo, te sorri, tudo é negro em tua volta, sem uma finalidade alegre, sem um desejo, sem uma aspiração! Onde vais? Vagueias, insensível e abstracta! Que caminho é o teu?...»

Tranquilamente, a formiguinha ergueu a cabeça e respondeu numa voz suave, onde havia cantos de regatos e gorgelos de aves:

—« Não te iludas, borboleta branca, com a minha côr tão negra e o meu corpo tão fraco! A alma não tem tamanho!

Vivo alegre e feliz! Não volito sôbre rosas, inebriada e cega, mas caminho consciente, cumprindo a minha missão na vida! Tenho o meu lar, a minha casa, a minha família! Aqui levo o almôço para os meus, e já estremeço de alegria, ao pensar no prazer que terão, ao vêr-me surgir, à portinha da casa!

Não te iludas, borboleta! Eu não sou triste por ser feia! Sou feliz por ser trabalhadora e honesta e por chegar à noite com a consciência de que aproveitei bem o meu dia!»

E ante o olhar embasbacado da fútil borboleta, a alegre formiguinha subiu, tranquilamente, o tronco duma árvore, onde se ocultava, pequenino e modesto, o seu lar felicíssimo, onde ela era a rainha!

■ F I M ■

de Almeida Coimbra, Maria José Mendes, Maria Amelia Barros Martins Alves, Mariana Bandesa Carmo, Agueda de Jesus Galhoz, Palmira da Conceição Filipe, José da Velha Namorado, Marçal de Oliveira Duarte, Maria Custodia Firmino, Maria Izabel Fialho, Dario de Oliveira Furtado, Mari-Alice Puga, Carlos Alberto Capela, João Candeias Pereira Rafael dos Santos, Humberto da Silva, Lydia Alda Oliveira, Paulo Manuel Namorado, Dinah de Oliveira, Isabel Barros Martins Alves, Amadeu Leitão Mendes, Maria Amelia de Noronha e Abreu, Maria Ismenia Diniz Martinó, Maria Fernando Machado, Diaman-

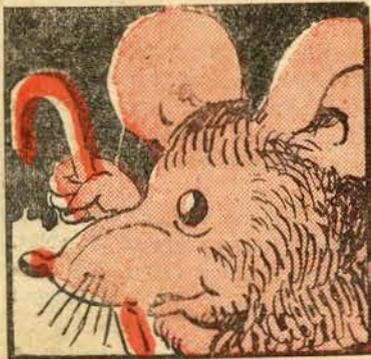
tino Garcia Gaspar, Jorge Macedo Portela, Julio Serra e Silva, Filipe Gomes de Jesus Castanho, Maria Eduarda Martins dos Santos, Fernando Grácio, Manuel Joaquim Costa Reis, Alice Mourinho, José Baião Sena, Manuel J. Madeira Xabregas, Fernando F. J. Pereira da Silva, Manuel Baião Sena, Cora Lorena de Oliveira, Beatriz Duarte, Angelo Alves Longo, Lidia Rosa Nunes, Simão Andrade, Garida Matias Vieira, Maria Madalena Contenté, Mario Diniz Pereira, Rui Duarte Lopes, Luiz Pereira, Rui Carlos de Figueiredo e Alfredo de Jesus Bento.

**U**M ratinho português, cansado da sorte dura, resolveu, em certa vez, meter-se numa aventura...

Sentia-se aborrecido, de trabalhos e de enfados, de levar um mês seguido metido pelos sobrados.

De fugir, de noite e dia, correndo em frente dos gatos, de viver sem alegria, saltando muros e matos.

Os queijos, dentro de pratos e em despensas bem fechadas... Pois por causa das criadas vão pagando os pobres ratos...



# O RATINHO PORTUGUÊS E O «MICKEY»

POR GRACIETTE BRANCO

Cansado de tal viver, com tristeza e sem fartura, o ratinho, com prazer, meteu-se em grossa aventura.

Disseram-lhe, em certo dia, (num dia triste, nublado), que muito longe existia um rato, Mickey chamado...

Que esse rato tem por lema, viver alegre e contente e que, em fitas de cinema, leva a palma a toda a gente...

Que dança, toca piano, encanta, prende, cativa, e trabalha, todo o ano em frente duma objectiva...

Que tem fama mundial e ganha muito dinheiro... O ratinho, ouvindo tal, pensou nisso o dia inteiro.

—«Ora essa! Eu hei-de ser igual a ele, algum dia! Nem que eu lute, até morrer, com arrôjo e valentia!»

E, em Hollywood avistando, hei-de o Mickey derrotar!...» E o ratinho foi andando, na esp'rança de lá chegar.

Léguas e léguas andou! Andou o tempo a seu lado! E quando ele lá chegou ia velhote e cansado...

Dava-lhe grandes maus tratos a multidão ofegante e também havia ratos nessa terra tão distante...

Tudo, por fim, foram tretas... E os queijinhos desejados, só nas casas das vedetas, em armários bem fechados...

Greta Garbo pô-lo fora, a Marlène, nem se fala... O Charlot mandou-o embora, com a ponta da bengala...

Anabella nem o viu... Tampouco o Chevalier... Só a Shirley lhe sorriu, dizendo:—«Que quer' você?..»

—«Quero o Mickey destronar, e a menina, se fôr boa, há-de querer auxiliar quem veio, a pé, de Lisboa...»

Uma grande gargalhada, (que no fundo me fez pena), foi logo a resposta dada pela mazona pequena...

—«O Mickey?... (Que sonhador...» disse, num desdém profundo... «Ele é o imperador dos ratos de todo o mundo!»



Estudou muito, e o talento nem toda a gente o alcança! Vai-te embora! Ganha alento, minha pateta criança...

Julgavas que era chegar, derrotar o rei dos ases, sem ao menos estudar?!... ..Não te zangues! Faze as pazes...

São verdades que te digo, porque eu não sou má pessoa... A caminho, meu amigo! Volta, de novo, a Lisboa!»

E o ratinho português, desiludido e cansado, aconchegou-se, outra vez, no seu ninho abandonado!

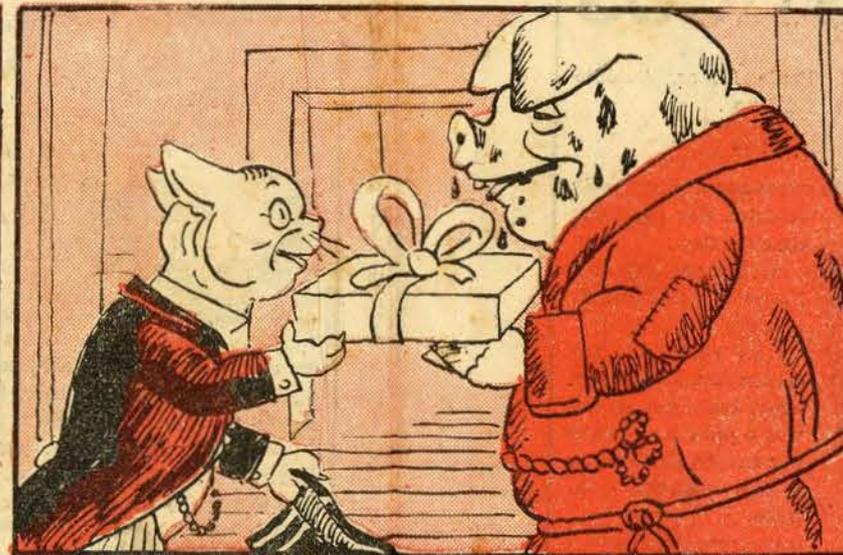
(Continua na página 7)



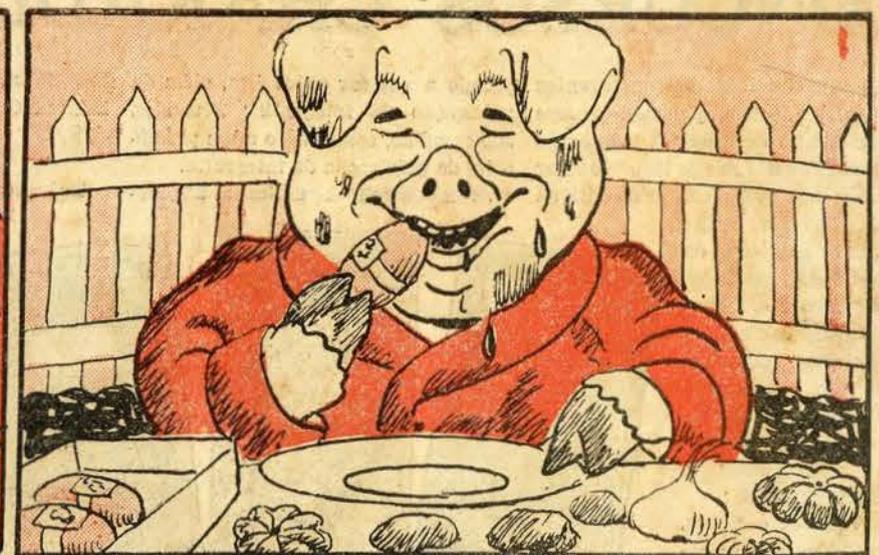
# O «TARECO» e o PORCO



A-fim-de o ver lavado, ao seu compadre Porco que na estrumeira até chega a dormir de bôrco, Dom Tareco resolve ofertar-lhe uma caixa com sabonetes bons, duma loja da Baixa,



E no dia do seu aniversário, o Gato faz-lhe entrega da oferta. O Porco, muito grato, acolhe-a comovido e, mal o Gato sai, —«Que belos bolos!...» diz; e já papá-los vai.



Quando, instantes depois, o Gato lhe pergunta se gostou do presente, este diz: —«Sim;» —(e junta, a lambar o focinho inda todo a espumar:) eram doces bem bons, de rico paladar!»

Ha meninos assim, com horror ao aceso, e que teem, também, este hábito feio de levarem à boca aquilo que lhe dão. Eis a moral da história, eis do conto a lição.

# O CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA

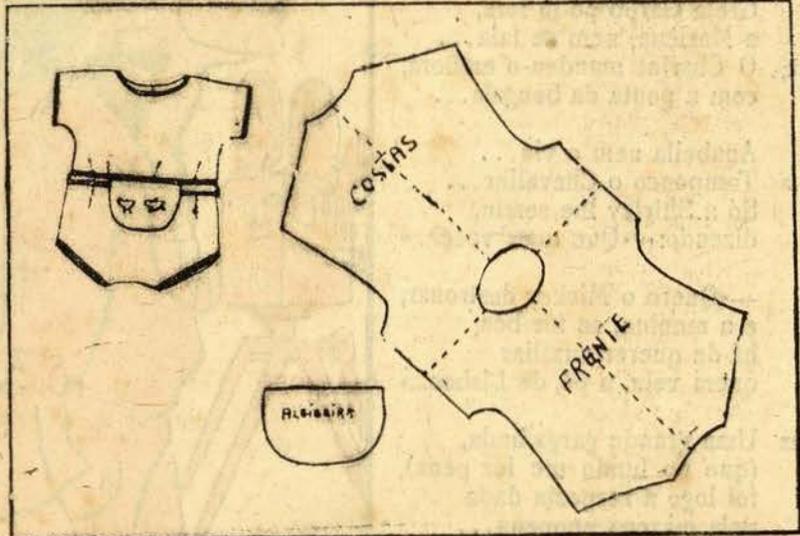
Querida Mimi:

Dizes-me assim na tua cartinha: «Minha querida Abelha Mestre. Já fiz o avental para a minha boneca Violeta, mas, também, queria fazer um macaquinho para o seu lindo irmão João. Não calcula como ele é lindo; muito grande, de celulóide, até parece um bebê a sério!

Gosto imenso dele e, também, gosto de fazer fatos bonitos!»

Pois, minha querida Mimi, gostei muito da tua cartinha e publico já hoje o modelo que me pedes e também o molde para veres como é fácil cortar o macaquinho.

Dobras, primeiro, o molde pela linha ponteadada dos ombros e depois dobras, novamente pelas linhas ponteadadas da frente e das costas, e assim cortarás, em tamanho maior está claro, um modelo igual, que apenas tem costuras nos lados e na entre-perna.



Essas linhas ponteadadas, somente indicam as dobras, pois como vês, o macaquinho é todo inteiro, sem ter costuras nos ombros. Só atrás é que abres o suficiente para poder vestir.

A volta das perninhas, mangas, gola e cinto, pões um viez. Aplicas, então,

essa algibeira, na qual podes bordar um bonequeto.

Creio que o teu lindo João vai ficar um verdadeiro janota!

Recebe um grande abraço da tua amiga

Abelha Mestre

## CONCURSOS CHARADISTICOS

São avisados todos os concorrentes que ainda não nos enviaram o nome e a fotografia destinada à publicação no Quadro de Honra que têm de o fazer no prazo de 8 dias, a contar da data da publicação deste número.

Embora já seja do conhecimento de todos os concorrentes, tornamos a publicar a lista dos classificados, os quais vão pela ordem da classificação no concurso.

### PRODUTORES:

A. Seravat e Rucas, respectivamente campeão e sub-campeão, com direito a um prémio, cada, além da publicação da fotografia.

DECIFRADORES: Anjocarfer, Dália de Jesus, Fernandoso e Zé Guinoro, Campeões «ex-aequo», com direito a um

prémio a sortear entre eles, além da publicação da fotografia; Zeuzinho, sub-campeão, com direito a um prémio além da publicação da fotografia.

Só com direito à publicação da foto-

tos, Zéca, Alfredo Matos, António Freire e Chalet d'Ossos.

— : —

Entretanto acusamos a recepção de retratos dos seguintes concorrentes:

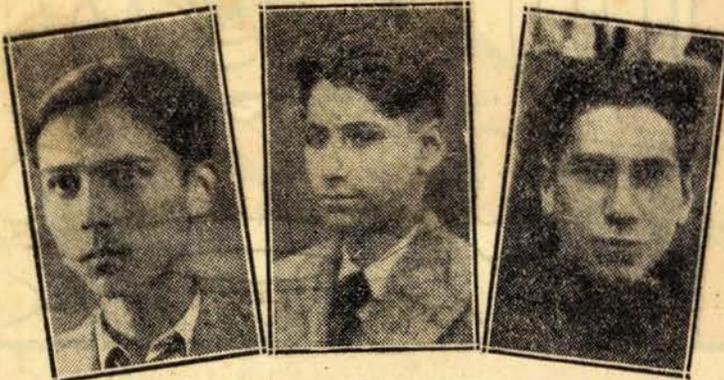
A. Seravat, António Freire e Romualdo T. Santos.

Aos campeões residentes fora de Lisboa a quem tenhamos de enviar o prémio, rogamos nos enviem juntamente o seu endereço completo.

Ia uma salaioa com dois burrinhos.

Uns estudantes disseram-lhe:

— «Adeus, mái dos burros». A mulherzinha não se atrapalhou e respondeu: «Até depois, meus filhos!»



Romualdo Teles Santos

António Freire Capelo da Silva Maurício

A Seravat ou Antonio Neves Tavares

grafia: Zé Gaspar, Lilicas, Barba Azul, Dois Manos, Noemia, Um decifrador, Ariévilo, Béu, Lucas, Romualdo T. San-

# O ratinho português e o "Mickey,"

(Continuação da página 5)

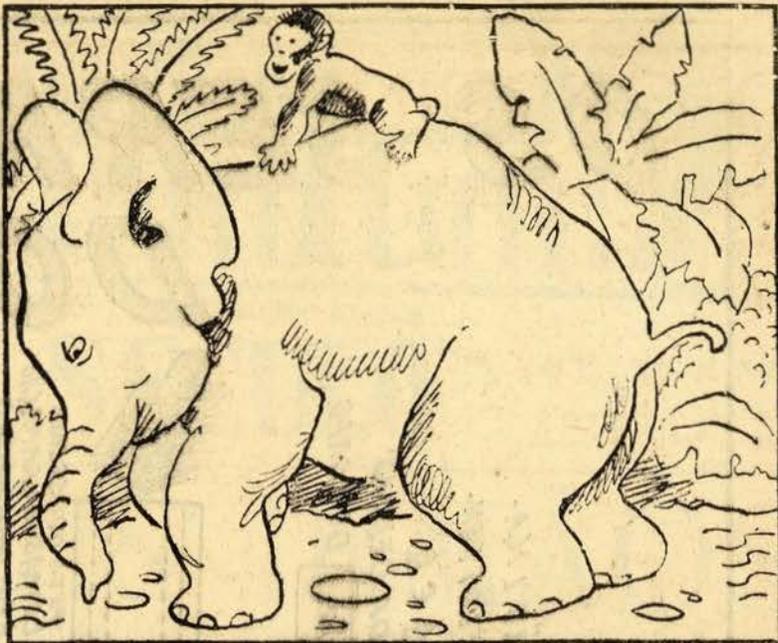
E meditou, dando tratos à sua imaginação:  
— Sem prévia preparação, ir vencer o rei dos ratos!!!...

Que não faça, por favor, tão feia acção, mais ninguém. Só com trabalho e valor se consegue ser alguém!

■ F I M ■

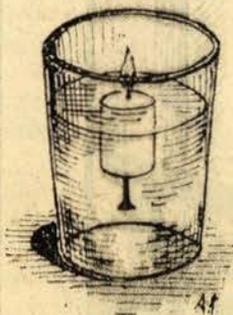
Dois estudantes, ao chegarem a uma encruzilhada, perguntaram a um saloio que passava: «— Oh! seu bruto, é por aqui que se vai para Lisboa?» O saloio respondeu— «Sim; podem ir sossegados que é por aí que vão todos os animais.»

## PARA OS MENINOS COLORIREM



# ENGENHOCAS POR AMÉRICO TABORDA

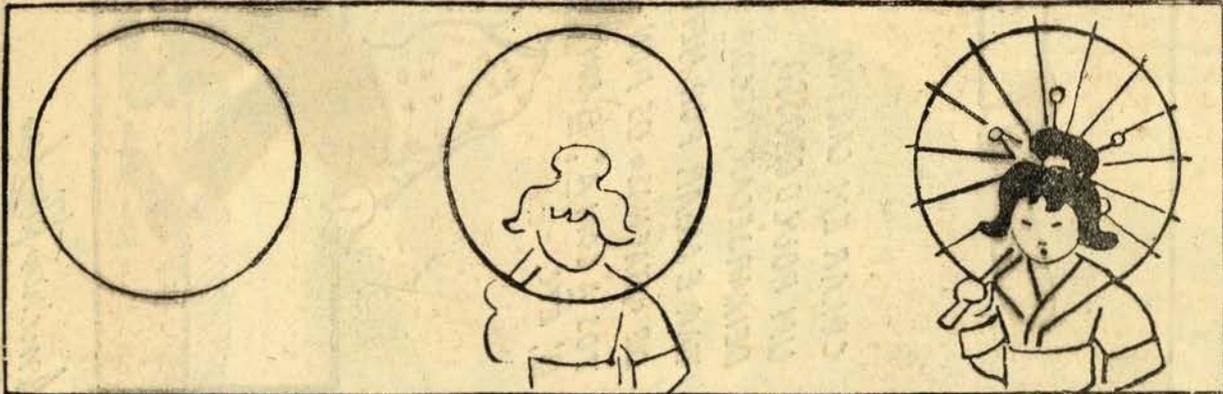
## UM CASTIÇAL PRÁTICO



Vou-lhes hoje ensinar um processo prático de se consumir em as velas sem desperdício dos pequenos côtos que ficam depois do seu uso e os quais geralmente, não são aproveitados. Para isso, basta lastrar o côto que quereis aproveitar, com um prego, cujo tamanho deve ser regulado de modo que este mergulhe completamente na água, ficando o líquido ao nível da sua parte superior, não molhando, contudo, o pavio

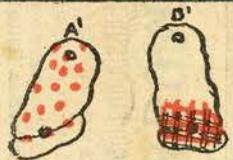
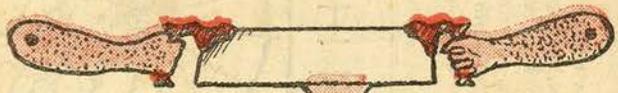
Para esta experiência que é, ao mesmo tempo, duma grande utilidade para as donas de casa, emprega-se, quasi sempre, um copo — que neste caso é o castiçal—visto a sua facilidade de deslocação de qualquer ponto para outro.

# LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha uma chinesa com uma sombrinha

# OS SERPENTES

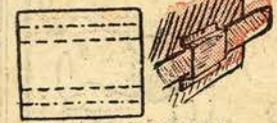


ESTAS DUAS PEÇAS SÃO LIGADAS À PEÇA DE BAIXO PELOS PONTOS A' E B' AOS PONTOS A E B. A DA DIREITA É COLOCADA DE TRÁS

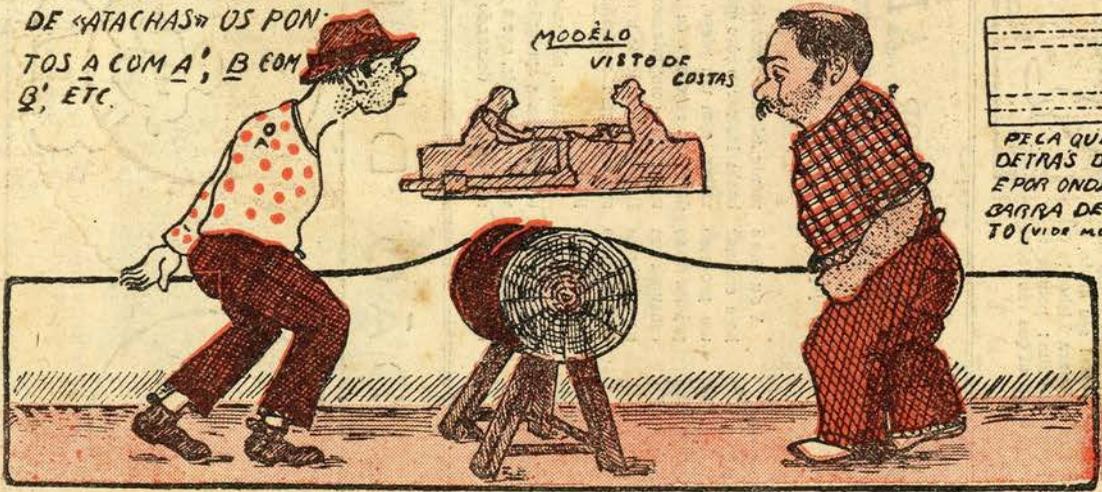
PUXAR PARA DEANTE E PARA TRAZ DO CORPO

COLAR EM CARTÃO UM POUÇO GROSSO, DEIXAR SECAR, RECOR-TAR E LIGAR POR MEIO DE «ATACHAS» OS PONTOS A COM A', B COM B', ETC.

MODELO VISTO DE COSTAS



PEÇA QUE SE COLA DE TRÁS DA ARMAÇÃO E POR ONDE PASSA A BARRA DE MOVIMENTO (VÊ O MODELO).



Américo Távora